

cerca o Roroíma está inundada de brancos, pretos e mestiços desclassificados da Güiana Inglesa, do Brasil, da Venezuela e de não sei quantas terras mais. Os poucos índios que sobrevivem são privados de seus direitos e reduzidos à escravidão. Acabou-se a ingênua alegria, acabaram-se as danças solenes, o parixerá, o tukui e as outras tôdas, acabaram-se os alegres folguedos da criançada na praça da aldeia em noites de luar. Felizes os que morreram a tempo." (*Am Roroima*, Leipzig, 1934, págs. 158-159).

Egon Schaden

126-9 Solpeiron
A PACIFICAÇÃO E A ACULTURAÇÃO DOS
XOKLÉNG

Desde setembro de 1914 não há índios bravios nas matas catarinenses da região do Itajaí. Nessa época o Serviço de Proteção aos Índios estabeleceu relações pacíficas com os Xoklêng (também conhecidos como Botocudos de Santa Catarina), que desde sempre se haviam mostrado hostis ao homem branco, trucidando número bastante grande de pacíficos cidadãos. Persuadidos afinal a adotarem modos de vida sedentários, habitam hoje um território cedido pelo governo estadual junto ao Rio Plate, onde funciona o Pôsto Duque de Caxias, destinado a aproximá-los da civilização e a protegê-los contra agressões ou exploração por parte de indivíduos inescrupulosos.

Os primeiros ensaios de pacificação dos Xoklêng empreendidos pelo governo datam de mais de um século. Fundada a colônia de Blumenau em meados do século passado, as experiências se repetiram de tempos em tempos, mormente depois de cada um dos assaltos realizados pelos silvícolas contra a colônia. Em sua monografia histórica sobre o município de Blumenau, o escritor José Deeke apresenta uma relação mais ou menos completa dessas tentativas de pacificação, cujo malôgro era devido sempre à atitude pouco resolvida das pessoas incumbidas da tarefa. ¹ Neste caso estão, por exemplo, o Padre Virgílio de Amplar e Albert V. Fric. Sobretudo êste último parece não ter entrado em contacto direto com os Xoklêng, do contrário não os descreveria como feroz sub-tribo dos "Kaingaã" constituída de monstruosos anões que a si próprios se chamam "Sseta". ²

A pacificação dos Xoklêng é obra de Eduardo de Lima e Silva Hoerhan, atual diretor do pôsto, que na época era simples funcionário subalterno de Serviço de Proteção aos Índios. Na ausência de seu chefe, foi ao encontro da horda indígena, a cujo respeito se impôs por sua intrepidez e sangue-frio. Nos primeiros tempos, não foi fácil o trabalho da pacificação, mas por fim Hoerhan venceu tôda resistência e desconfiança da parte dos aborígenes. Hoje êstes o estimam e lhe obedecem como chefe e amigo. Eduardo Hoerhan é, sem dúvida, o melhor conhecedor da língua e da cultura xoklêng. E' pena, entretanto, que até hoje não tenha publicado nada sobre a tribo, tão pouco estudada.

Na pacificação dos Xoklêng era necessário, antes do mais, convencê-los das boas intenções dos brancos. Além disso, tratou-se de persuadí-los a substituírem parte de seus costumes tradicionais por modos de vida civilizados.

Não foi fácil vencer a desconfiança. Os velhos se aproximavam do pôsto somente até certa distância, conservando o seu próprio acampamento no interior da floresta. Hoje, decorridos quase quarenta anos, aquêles velhos já não vivem, e os remanescentes da tribo estão reunidos no pôsto oficial.

Mas também os indivíduos jovens não se acostumam facilmente à vida civilizada. A língua, as idéias religiosas e muitos costumes estão de tal modo arraigados em cada personalidade que seria contraproducente exigir ruptura imediata com a tradição tribal. A tarefa de civilizar os indígenas deve, pois, começar aos poucos, com transformações da cultura material. A administração do pôsto compreendeu muito bem que na cultura não-material a aculturação dirigida só pode ser eficiente com relação às crianças educadas no próprio pôsto. E parece que os esforços envidados nesse sentido foram coroados de pleno êxito.

A primeira mudança foi a aceitação da indumentária. De há muito, todos os índios do pôsto andam vestidos. Já antes de seu aldeamento, haviam-se apoderado, às vêzes, de peças de vestuário, usando-as contra o frio ou como adorno, mas foi só no pôsto que adotaram o hábito constante da roupa.

Importante foi também a mudança ocorrida na alimentação. Continuam, é verdade, a procurar os frutos da mata, e na época dos pinhões dirigem-se para os campos do planalto, afim de colher êstes frutos.

Dentre as plantas de cultura primeiro só lhes agradava o milho. Com o tempo, acostumaram-se também a muitos outros produtos agrícolas. Em época anterior à pacificação conheceram a farinha de mandioca, que, entretanto, não sabiam preparar. Era um dos brindes de atração aceitos por êles. O consumo do feijão hoje está generalizado entre os Xoklêng da mesma forma como entre os caboclos da região serrana de Santa Catarina.

A princípio rejeitavam tôda comida preparada com sal. Nem por isso revelavam grande aversão pelos condimentos fortes. Uma índia de nome Korikrá, trazida do mato e educada na casa do Dr. Gensch, médico de Blumenau, depois de pouco tempo comia até "gulache" bem apimentado. Nos primeiros tempos, a administração do pôsto lutou com grande dificuldade para conseguir carne fresca em quantidade suficiente. A medida que os índios se acostumavam à carne salgada, o problema naturalmente deixava de existir.

E' curioso que os Xoklêng, embora vivendo em território banhado por rios bastante piscosos, não comessem peixe. Atualmente, a pesca lhes fornece parte da alimentação.

Houve mudança igualmente nos métodos de preparar a comida. Outrora não possuíam panelas, pois não conheciam a cerâmica. As panelas

de barro não teriam resistido às peripécias das constantes migrações. Tudo se assava, por isso, ao espêto ou na brasa.

De vez em quando, os homens e os moços ainda se entregam à caça, sua atividade predileta. Como, porém, os animais já são muito escassos, é preciso empreender longas excursões.

Os Xoklêng tiveram dificuldade em habituar-se ao trabalho regular. Nos primeiros anos, as roças eram feitas por trabalhadores encarregados pela administração do pòsto. Se algum Xoklêng pegava no machado ou na foice para ajudar no serviço da roça, fazia-o como simples passatempo e não perseverava no trabalho. O resultado das plantações a princípio não impressionava os índios, aos quais faltava a noção do valor econômico dos produtos. Com o tempo, um ou outro era aceito como trabalhador e remunerado de acòrdo com o rendimento. Mais tarde, vários Xoklêng passaram até a trabalhar temporariamente nas roças dos colonos ou na construção de estradas de rodagem.

Hoje, as roças dos índios são bastante grandes, embora menos extensas do que as dos colonos teutos da região. A maior parte do serviço é feita pelas mulheres, principalmente no tocante ao plantio, à capina e à colheita. Já na época em que os visitou Simões da Silva plantavam mandioca, aipim, batata inglêsa, batata doce, milho, feijão, arroz, amendoim, abóboras, inhame, taioba e legumes. No pòsto existiam também laranjeiras, mexeriqueiras e bananeiras.³

Na criação de animais domésticos dão preferência à avicultura. Possuem poucas cabeças de gado bovino.

No aldeamento, os Xoklêng vieram a conhecer uma porção de habilidades e técnicas novas. Isso vale também para as mulheres, que, entre outras coisas, aprenderam a costurar à maquina.

As habitações naturalmente também diferem bastante das do tipo primitivo. No pòsto, cada família possui um rancho bem construído, ao passo que os antigos Xoklêng moravam em choças muito primitivas, espécie de ensombros em posição oblíqua, como eu próprio tive ocasião de observar. Ainda hoje em dia a fogueira fica acesa o dia todo. Para fazer fogo, usam fósforos ou isqueiros em substituição ao primitivo aparelho ignígeno de dois pedaços de madeira.

Antigamente dormiam no chão, mas hoje fazem uso de tarimbas simples; a estas se reduz mais ou menos todo o "mobiliário" xoklêng.

Entre si, empregam ainda o velho idioma tribal.⁴ Os homens também falam o português, enquanto as mulheres só o compreendem em parte; não têm oportunidade de entrar em contacto com os brancos, pois nunca deixam o pòsto.

Em casos de doença, os Xoklêng ainda recorrem muitas vèzes a seus antigos remédios vegetais. Por outro lado, a administração do pòsto lhes presta assistência médica e farmacêutica.

De tudo isso se depreende que na vida material a aculturação dos Xoklêng já está bastante adiantada. Também a cultura não-material não deixará de sofrer mudanças radicais. Assim, os últimos remanescentes da tribo não tardarão a integrar-se na comunidade nacional.

Para a ciência não há, pois, tempo a perder. E' muito limitado o prazo para um estudo mais completo do idioma, das instituições e das tradições dessa tribo quase extinta.

NOTAS

- (1) José Deeke, *Das Munizip Blumenau und seine Entwicklungsgeschichte*. São Leopoldo e Cruz Alta, s.d. Vol. III.
- (2) *Actas del XVII.º Congreso Internacional de Americanistas*. Buenos Aires 1912. Pág. 64. Citado por C. Nimuendajú, *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 1913; vol. 46, nota à pág. 374.
- (3) Simões da Silva, *A tribo Caingang (Índios Bugres-Botocudos)*, Rio de Janeiro, 1930; pág. 26.
- (4) E' considerado dialeto kaingáng. Nem por isso se devem classificar os Xoklêng como simples horda kaingáng. A êste respeito, Curt Nimuendajú, que foi dos maiores conhecedores dos índios do Brasil, escreveu em carta de 3-11-1944, dirigida a R. F. Mansur Guérios: "Eu creio que Schaden teve razão quando separou os Kaingang dos Botocudos. Sem dúvida, a língua dêstes é um mero dialeto do Kaingang-vi, porém êste dialeto é mais diferenciado que qualquer outro, e a cultura das duas tribos apresenta divergências tão notáveis que só pode causar confusão chamar a ambas pelo mesmo nome....." (V. *Boletim Bibliográfico*, Publicação da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo, ano II, vol. VI, pág. 68.)

Francisco S. G. Schaden

Material recolhido pelo autor em 1947, na região do baixo Iguaçu.

M. 139-141
PC 1436

A ORIGEM DOS HOMENS, O DILÚVIO E OUTROS MITOS KAINGÁNG

Os Kaingáng ou Coroados, que há poucos decênios dominavam ainda nas terras do oeste paulista, também foram outrora senhores temidos das matas e dos campos imensos que se estendem na zona ocidental dos três estados sulinos. Hoje estão bastante civilizados, andam vestidos, dedicam-se à lavoura e vivem numa série de postos organizados pelo Serviço de Proteção aos Índios.

No sertão paranaense, para os lados do Baixo-Iguaçu, onde em julho de 1947 passei alguns dias com índios dessa tribo, obtive interessantes dados mitológicos que em parte coincidem com informes colhidos em outros grupos kaingáng. O meu informante principal era um velho, João Coelho, que em sua língua se chama Xê. Seu avô era o afamado Krim-Tã, um dos principais chefes tribais, cuja memória se perpetua na denominação da "Campina do Cretã", entre o Chopim e o Iguaçu.

Rápida explicação etnológica ajudará a compreender melhor o sentido dos mitos contados pelo velho Xê. Os Kaingáng dividem-se em duas metades exógamas e patrilineares, os Kanherú e os Kamé. Os que pertencem a uma das metades se consideram irmãos ("lenglê") e chamam de cunhados ("iambrê") aos da outra. Aos Kanherú liga-se a subdivisão dos Votôro e aos Kamé a dos Venhiký. Tôda a organização social dos Kaingáng se baseia no dualismo Kanherú-Kamé, que marca também profundamente a vida religiosa e a mitologia da tribo.